

BUSCAS DE IDENTIDADE E CRISES DE ALTERIDADE EM *MOSAICOS AZUIS DESEJOS*, DE ANTONIO DE PÁDUA

Jhonatan Leal da Costa

CONTEXTUALIZAÇÃO

O estudo de textos literários de temática gay é importante porque sugere uma leitura de sentidos que vigoram nos discursos de sujeitos gays ¹ e sobre esses; atores sociais ainda tão ignorados pela crítica literária. Analisar o texto literário de um escritor que também é pesquisador na área de Gênero e de Sexualidades, como é o caso de Antonio de Pádua, possibilita refletir sobre a atualidade da posição em que se encontra o homoafetivo em uma sociedade de grupos dinâmicos e instáveis. Sabemos que, como declarou Sainte-Beuve (apud CANDIDO, 2008, p. 28), o artista “não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única”, mas suas combinações, transformações e configurações da realidade podem evidenciar problemas concretos sobre as incertezas do que havia sido dado como estável.

A arte literária, por dar competência à reflexão da identidade, nossa e alheia, faz com que tenhamos momentos inesperados, muitas vezes, sobre nós mesmos. Rildo Cosson (2006, p. 17) corrobora a ideia, enunciando que:

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia de minha própria identidade.

A “incorporação do outro”, que nos leva à reflexão sobre a constituição de diferentes identidades, é frequentemente desconsiderada pelos críticos que classificam os textos literários de temática gay como categoria à parte, visto que trazem representações da cultura e das peculiaridades atreladas ao universo homoafetivo.

Ricardo Tomé (1999, p. 12), por outro lado, acredita que “a nova literatura gay no Brasil é escrita com sentido de urgência. Ela está para as bichas e bis assim como o rap está para os negros”. Mas levando o título de literatura gay ou não, no Brasil, este

¹ Adotamos neste artigo os termos *gay*, *homoafetivo* e *homoafetividade* por estes se apresentarem, de acordo com Jurandir Freire da Costa (1992), destituídos dos preconceitos do ambiente médico-legal do século XIX, que utilizava a palavra *homossexual* e *homossexualismo* para designar doença.

tipo de produção tem como obra inaugural o livro *Bom-crioulo* (1896), de Adolfo Caminha. O romance obteve circulação entre os meios letrados e atravessou o século XX como um autêntico exemplo de literatura gay que, segundo Mário César Lugarinho (2008, p. 20), ganhou força e começou a ser mais demarcada em nosso país a partir da década de 80, época em que o sujeito homoafetivo passou a ser representado nas obras literárias com maior fidedignidade a seu universo:

Os exemplos mais flagrantes encontravam-se nas obras de Caio Fernando Abreu e Silviano Santiago. No entanto, em ambas, deparávamos com um problema. Sem dúvida, o estatuto conferido ao homossexual em ambas as obras destacava-se das formas mais tradicionais da literatura brasileira na medida em que a homossexualidade não era apenas temática da obra, mas também conferia consistência a uma forma de compreender o mundo de maneira particular, característica dos grupos sociais que buscava representar.

Essa “consistência a uma forma de compreender o mundo de maneira particular, característica dos grupos sociais que buscava representar”, desemboca no que se constitui enquanto identidade gay. É dentro dessas questões que transita a obra *Mosaicos Azuis desejos* (2011), do professor e escritor paraibano Antonio de Pádua. Pós-doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, leciona, desenvolve e orienta na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) pesquisas relacionadas aos Estudos de Gênero e de Sexualidades, com vários livros publicados sobre as gentes excluídas e marginalizadas. Seus personagens, forjados por expressões coloquiais em um discurso que oscila entre o depoimento e a autoanálise – evidenciada por meio da introspecção –, vivem uma solidão urbana, em busca de afirmação social.

Para problematizar e fundamentar as questões referentes aos perfis que emergem da referida obra literária, utilizaremos como principal fonte de embasamento teórico o capítulo “Buscas de Identidade, Crises de Alteridade”, publicado no livro *Presenças do Outro*, do semiótico francês Eric Landowski (2002). A escolha deste pesquisador se faz importante para verificarmos a relação dos homoafetivos representados frente às adversidades impostas pela cultura dominante. Atitudes, embates e reações que revelarão a quais condições estão submetidas as *personas* tecidas por Antonio de Pádua em *Mosaicos Azuis Desejos*.

SENTINDO A DIFERENÇA

No romance *Mosaicos Azuis Desejos* nos é apresentado um protagonista que vivencia um estado de intensa solidão. Nomeado por Mário, ele é narrado como um professor universitário de idade mediana, que mora sozinho, tem poucos amigos e já experienciou vários relacionamentos afetivos fracassados. Assumidamente homoafetivo, tal personagem expõe uma sensação de incompletude que curiosamente está representada em várias obras de temática gay, de diferentes estilos, autores e épocas ². Nesse sentido, indagamos: teria a solidão vivenciada por Mário, em *Mosaicos Azuis Desejos*, alguma relação com a sua orientação sexual? Para desenvolvermos esse questionamento, é imprescindível esclarecermos o que entendemos pela orientação sexual do personagem em análise.

Eric Landowski, em *Presenças do Outro*, problematiza os pontos de tensão presentes no encontro de relações entre sujeitos pertencentes a ordens diferenciadas, seja esta de classe, cultural, etnia ou de afeto. Para o semiótico francês (Cf.: 2002, p. 04), um dos principais fatores que nos aloca em determinados grupos são construções identitárias. Estas, por sua vez, são formuladas não apenas pelo modo como nos enxergamos, mas, principalmente, pela forma como vemos o *Outro*. Isso porque um dos fatores mais importantes na assimilação de nossa própria identidade, observa o autor, é a diferença evidenciada no instante em que nos relacionamos com os demais sujeitos. É na e pela alteridade que a nossa identidade é desenvolvida de maneira efetiva, pois só o Outro é capaz de nos conferir um “arsenal” de singularidades que formularão o nosso sentimento de individualidade – seja esse sentimento pertencente a um indivíduo ou a um grupo.

Quem corrobora esse pensamento é o filósofo russo Mikhail Bakhtin (2003, p. 33), que em *Estética da Criação Verbal* expõe a importância do Outro enquanto atribuidor de sentidos:

Na categoria do *eu*, minha imagem externa não pode ser vivenciada como um valor que me engloba e me acaba, ela só pode ser assim vivenciada na categoria do *outro*, e eu preciso me colocar a mim mesmo sob essa categoria para me ver como elemento de um mundo exterior plástico-pictural e único. [...] Nesse sentido, pode-se dizer que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria.

² Para ilustrar, o sentimento de solidão na perspectiva do sujeito homoafetivo pode ser observado em *Abjetos : Desejos* (SILVA, 2010), *Apartamento 41* (CARVALHO, 2007), *Amores no masculino* (RANZATTI, 2006), *Cão danado solto na noite* (TOMÉ, 1999), *Cinema Orly* (CAPUCHO, 1999), *Entre nós* (RUFFATO, 2007), *Matéria básica* (EL-JEICK, 2007), *Morangos Mofados* (ABREU, 2000), *O bom crioulo* (CAMINHA, 2008), *O segredo de Brokeback Mountain* (PROULX, 2006), *Trem fantasma* (HEE, 2002).

Em uma sociedade predominada pelo heterocentrismo (e aqui a palavra “sociedade” não exige uma delimitação espacial, visto que o modelo heterossexual de vida se posta como dominante em qualquer época ou civilização), não é difícil imaginarmos quais atributos se distinguem e se tornam marcados no encontro de um sujeito heterossexual com um homoafetivo, do *Eu* com o *Outro*. O problema, no entanto, é a *personalidade* evidenciada por Bakhtin, que fora atribuída pelos Outros na construção da *identidade* desse grupo minoritário. Mas que identidade seria essa? É o que problematiza o narrador do romance em estudo:

Na verdade, Mário não sabia muito bem o que era ser gay como a maior parte das pessoas rotulava os homens que amavam homens. Como encarava a vida que levava com maturidade, não saberia distinguir em um shopping center, por exemplo, quem é gay de quem não é. Os outros é que se importavam com as diretrizes que cada um estabelecia como meta individual e social. (PÁDUA, 2011, p. 146-7).

Apesar de demonstrar indiferença para os fatores que o distinguem como gay, Mário nos traz um dado importante: afirma que são os *outros* que se preocupam em realizar as distinções sociais, o que corrobora com as ideias desenvolvidas até aqui. Mas a distinção, o enaltecimento da diferença, como já afirmamos, não é importante apenas para o Outro.

De acordo com Tom Ambrose (Cf.: 2010, p. 197), a criação de uma identidade gay teve início na Europa do século XVIII, quando a migração para as cidades e a necessidade de se juntar na resistência à perseguição aos homoafetivos³ criaram condições para a emergência de uma cultura gay. Desse modo, esta necessidade dos que se atraem por pessoas do mesmo sexo de se diferenciarem dos heterossexuais é motivada historicamente por fatores políticos, uma vez que estes precisam de leis que lhes outorguem direitos específicos. É o que problematiza o protagonista do romance em estudo: “*Como casar e arranjar companhia, se não posso casar e arranjar a companhia que escolho?*”, questiona Mário (PÁDUA, 2011, p. 10).

Sobre o casamento, Paz (Cf. 1992, p. 179) conjectura que ele não foi criado para embasar o amor entre dois sujeitos, mas para sustentar normas jurídicas, sociais e econômicas do Estado. Como condição de estabilidade, a família passa a repousar nos preceitos do casamento, que se transforma numa projeção doutrinária da sociedade. O

³ A homossexualidade ainda é ilegal na Jamaica, no Equador, onde há grupos de extermínio, na Nicarágua e no Chile, além das pequenas ex-colônias britânicas. No México contam-se diversos assassinatos, principalmente na tensa região de Chiapas, quase todos com a conivência e a participação da polícia. Mesmo quando ela não é ilegal, a predominância católica da região criou um arraigado preconceito na população, como na urbanizada e cosmopolita Argentina, onde não são raras as violências policiais. (FILHO, 2000, p 216).

casamento possui uma natureza profundamente moralista e conservadora como regra de sua manutenção. Desobedecer às regras do casamento é destituir as próprias bases que regem a sociedade ocidental. Neste sentido, o relacionamento homoafetivo é muitas vezes compreendido como um fenômeno antissocial, pois, cada vez que consegue ser realizado, viola o casamento e transforma-o em algo, para muitos, inaceitável: “a revelação de duas solidões que criam por si mesmas um mundo, que quebra a mentira social, suprime o tempo e o trabalho e se declara autossuficiente” (PAZ, p. 180).

Em meio a tantas práticas consideradas pelos heteronormativos como antissociais, é destinado ao sujeito homoafetivo a introjeção de discursos de rebaixamento. Ao ser marginalizado por sua diferença, o gay passa a ser visto como o “o outro”, o distante, o que não faz parte, o que não comunga das mesmas coisas que nós, que provém de outro lugar, o estranho, o exótico, o primitivo, o selvagem, o *estrangeiro*. “Tal figura (o estrangeiro) foi bem perscrutada por Julia Kristeva, que a definiu como ser afastado da pátria, entregue a um exílio. [...] Alguém que, embora eventualmente fixado ou retornado, não pertence a parte alguma.” (PIMENTEL, 2011, p. 49).

E são justamente as práticas de estranhamento vindas dos Outros, ou seja, dos heteronormativos, que farão o homoafetivo representado por Antonio de Pádua se enxergar como um estrangeiro, uma vez que não corresponde às expectativas pré-estabelecidas socialmente: “*Ele não reagia, ele não queria, ele não tinha mais nenhuma força de vontade de pertencer, porque ele não mais era, nunca tinha sido, não queria apelar para ser ou ter.*” (PÁDUA, 2011, p. 185). A busca pela correspondência aos parâmetros estabelecidos pela sociedade heteronormativa impõe ao sujeito homoafetivo uma negação de si. A impossibilidade de atender às normas de conduta da hegemonia social condiciona o homoafetivo representado a uma sensação de não pertencimento a sociedade, o que, de acordo com Pinto (2008, p. 158), em artigo publicado no livro *Aspectos da literatura gay*, está estritamente relacionado ao estado de solidão desenvolvido em tais sujeitos: “a solidão aparece como uma espécie de ‘punição’ àqueles que escolhem seguir uma orientação diferente da padrão; são como que sujeitados a padecer eternamente nesse estado, longe de tudo o que é vida social”.

As diferenças do estrangeiro, aos olhos do grupo dominante, passam a serem vistas como acidente da natureza, rebeldia, extravagância, afrontamento... menos como elementos que se estruturaram e receberam sentidos no interior de uma cultura: “*Ele não era o que queriam que ele fosse porque ele era: estranho, esquisito, excêntrico. O*

mundo que o criou não o reconheceu. A cultura em que viveu não o queria.” (PÁDUA, 2011, p. 183). Para Landowski (2002, p. 07), “o Outro se encontra de imediato desqualificado enquanto sujeito: sua singularidade aparentemente não remete a nenhuma identidade estruturada.” Nessa perspectiva, o sujeito marcado com o estigma de só sentir atração por pessoas do mesmo sexo, ao fugir da norma hegemônica, passa a ser interpretado como alguém sem identidade estruturada, ou seja, uma espécie de *ninguém*.

ACEITAÇÃO DA NORMALIDADE

Mosaicos Azuis Desejos é dividido em 61 capítulos que se apresentam quase que de maneira independente, o que daria a possibilidade para nós, leitores, de desfrutá-los de modo aleatório. Mas como as peças de um mosaico (e eis o porquê do título), esses pequenos recortes de estória, quando reunidos, compõem uma trama sólida e coerente, em que as lacunas que interligam uma narração e outra são facilmente preenchidas pela imaginação do leitor, convidado a participar como “co-autor” da obra. Este “vazio” expresso pelo enredo entrecortado é uma estratégia utilizada pelo autor implícito (Dal FARRA, 1978) como forma da obra plasmar e problematizar a solidão do protagonista do romance, que exige, a todo o momento, a presença e a participação ativa do leitor, companheiro social do enunciador do livro.

Forjados por um enunciado que revela uma “escrita de si” e de memória, os narradores desse romance ora estão distanciados dos fatos e das personagens que enunciam, ora estão próximos e/ou vivenciam a própria ação narrativa a qual descrevem. De modo que em cada capítulo percebe-se a vivência da experiência única, diversa, instável, de um personagem incapaz de sustentar-se em relacionamentos duradouros, apontando, cada capítulo em si, para relacionamentos diversos, fato que, paulatinamente, vai construindo a ideia da personagem solitária. “*Sinto um vazio no estômago. Não é fome de comida, é fome de beijo. É doença de ausência.*”, lamenta o narrador autodiegético do capítulo *Rien de Rien* (PÁDUA, 2011, p. 25).

A ausência sentida por Mário, nada mais é do que o isolamento provocado pelo distanciamento dos Outros – àqueles pertencentes à outra ordem, constituintes da identidade dominante, a heterossexual. Causadora de estranhamento, a identidade gay, ao ser identificada por um sujeito heteronormativo, tende a ser coibida, negada:

Alguns diziam que era gay e o sabiam, porque ele mesmo admitia; outros não acreditavam na homossexualidade de Mário, porque o tinham como modelo de profissional e de pessoa, e nessa falsa compreensão percebia-se o jogo moral embutido nas palavras e nas coisas: um gay não poderia ser um bom profissional nem boa pessoa. (PÁDUA, 2011, p. 146).

Nessa passagem, é importante observarmos como se configura um dos primeiros mecanismos acionados pela identidade dominante: a falsa aceitação do sujeito que ela mesma recrimina. Ao tentarem forçada e estrategicamente desvincular a sexualidade do sujeito, os heteronormativos representados em *Mosaicos Azuis Desejos* afirmam que Mário não é gay, pois ele é “modelo de profissional e de pessoa”, como se estas qualidades não fossem possíveis a um homoafetivo, ou como se a homoafetividade fosse capaz de anular tais atributos em alguém. Mas aceitar o sujeito e reprimir suas práticas é ainda não aceitá-lo.

De acordo com Landowski (Cf.: 2002, p. 08), essa falsa aceitação ocorre porque o grupo dominante se porta, em princípio, como acolhedor a todo e qualquer sujeito. A ordem dominante recusa qualquer tipo de rótulo que a atribua caráter vinculado a ódio ou preconceito. Pelo contrário: se consideram e querem ser considerados como sujeitos que não fazem distinção entre seres humanos. Mas esse perfil de generosidade não se sustenta por muito tempo. O semiótico afirma que basta um sujeito apresentar um comportamento ligeiramente marcado, distanciado da norma estabelecida pela hegemonia, que passa, automaticamente, a ser tido como alguém extravagante e despossuído de razão.

E não são estes os discursos que frequentemente são atribuídos aos homoafetivos? Muitas vezes taxados como vulgares, sem escrúpulos e amorais, os gays são marginalizados por desviarem a ordem dominante. Ao encarnar e defender a ideia da existência e da construção de uma *normalidade*, os heteronormativos rompem com todos os seus supostos intentos de cordialidade e aceitam apenas o que julgam ser exemplar. Nesse viés, passam a afirmar que não há valor, fundamento ou consistência para a manifestação da homoafetividade. Passam a praticar a *exclusão* e, desse modo, a erradicação dos sujeitos homoafetivos se impõe.

“SER OU NÃO SER, EIS A QUESTÃO”

Em *Mosaicos Azuis Desejos*, a solidão vivenciada pelo sujeito homoafetivo está intimamente associada à exclusão. “*Todos começam a me olhar diferente, mesmo sem*

nunca terem chegado, naquele tempo, perto de mim para confessar-me o motivo da indiferença.” (PÁDUA, 2011, p. 29). Para o sociólogo Zygmunt Bauman (2008, pp. 28-9), este sentimento é um dos mais aterrorizantes medos do sujeito contemporâneo:

O medo de ser pinçado sozinho da alegre multidão, ou no máximo separadamente, e condenado a sofrer solitariamente enquanto todos os outros prosseguem em seus folguedos. O medo de uma catástrofe *pessoal*. O medo de se tornar um alvo selecionado, marcado para a ruína. O medo de ser deixado para trás. O medo da *exclusão*. [Itálico do autor].

Lasdowski (Cf.: 2002, p. 09) observa que o discurso de exclusão parte de uma atitude passional, motivada pelo desejo de negar o Outro enquanto sujeito, para que, assim, se institua uma sociedade idealizada, pura. Esse anseio por uma padronização através da eliminação do Outro, corresponde a uma tentativa de homogeneização. Ao validar uma única identidade, esta passa a ser tida como referência. Nesse sentido, as identidades destoantes da referencial assumem de imediato a representação de uma ameaça. A heterogeneidade entre identidades, desse modo, é interpretada pela ordem dominante como uma maneira de estabelecer o caos, ao “abrir a possibilidade de modificar os sujeitos ao ponto destes não serem mais reconhecidos”.

O semiótico (idem, p. 17) acrescenta que existem modos diferentes de segregação. Para o estudioso, a exclusão pode ocorrer tanto de forma sutil, como quando um amigo esnoba o outro por ele não ter abertura para fazer parte de um determinado grupo, quanto desumana, em que delimitações aos diferentes são estabelecidas pelas leis ou costume de um povo. Todos esses modos “manifestam, em profundidade, aquela mesma ambivalência que tentamos caracterizar entre *impossibilidade de assimilar* – e, portanto, de tratar o Outro realmente ‘como todo mundo’ – e *recusa de excluir* (no sentido estrito).” Esse sentimento de exclusão é sentido por Mário no distanciamento de seus próprios parentes: “*Agora, diante dos de minha família: um arrepio e um arrependimento por iniciar minha vinda de volta ao Brasil pelos laços que não mais os tenho. Família, para mim, não soava como sinônimo de felicidade.*” (PÁDUA, 2011, p. 138-9).

Ao citar Claude Lévi-Strauss, Lasdowski traz a ideia de que embora excluído, o Outro deve se manter resistente, pois esta é fundamental para o desenvolvimento das culturas. O estudioso aponta que no intercâmbio cultural, os que pertencem à ordem dominante também não devem realizar uma assimilação passiva das diferenças do Outro, uma vez que isso poderia gerar, em processo, uma anulação de alteridades. Grupos diferentes, ao aceitarem-se sem nenhum tipo de resistência, tendem a se fundir,

homogeneizarem-se. E a consequência dessa relação de opostos é a assimilação cultural, um novo tipo de totalidade.

Nesse sentido, Lasdowski analisa que a melhor forma dos diferentes se porem em contato é não abrindo mão de sua própria identidade. É aprender a viver entre Si e o Outro sem renúncias, sem autoabandono, para não cair no risco de se tronar para o outro um mero objeto. Tal modo de se relacionar com os diferentes parece ter sido aprendido por Mário, o qual revela: “*Aprendi também que ser diferente incomoda e te incomoda. Não sabia o que era mais doloroso; ser incomodado ou incomodar.*” (PÁDUA, 2011, p. 58).

Ao finalizar seu texto, Lasdowski (2002, p. 28) tece uma noção de Interculturalidade, através da ideia de que cada grupo deveria ceder um pouco de sua autonomia:

As identidades em relação acham-se transformadas nos dois casos, mas em duas direções contrárias: ou mutualmente empobrecidas por seu retalhamento, ou mutualmente enriquecidas pela própria busca da ‘boa distância’ (a expressão é de Claude Lévi-Strauss) entre parceiros que se admitem um ao outro como diferentes e autônomos.

Esse tipo de negociação entre sujeitos de diferentes ordens tem se refletido nas políticas públicas do Brasil. Para não se mostrar ineficaz em suas regras, a sociedade, ao perceber rupturas em suas leis e indiferença às suas formas de punição, tende a abrir concessões a grupos transgressores. Dessa forma, sob a presidência de Dilma Rouseff, o Brasil, no dia 05 de maio de 2011, teve aprovado pelo Supremo Tribunal Federal, o artigo 1723 do Código Civil, que reconhece a união estável entre homoafetivos.

Nessa perspectiva, Lasdowski conclui que o encontro entre sujeitos de uma ordem dominante com marginalizados gera uma relação de exclusão mútua, uma vez que o Ser, a identidade pura, passa necessariamente pela exclusão do outro. É o ser aquilo que o outro não é. Ser Si mesmo resulta apenas na possibilidade de gozar da satisfação de ser quem o é, desse modo, os contrastes com o Outro não deveriam nos prejudicar em nada.

PAISAGEM FINAL

Os gays representados na ficção do escritor Antonio de Pádua vivem a angústia de se encontrarem e serem felizes. As personagens vivenciam um duplo dilema: o de resistir à norma e o de identificar-se com os excluídos, que lhes oferece a possibilidade

de fazê-los agir conforme suas subjetividades. Corroborando as ideias defendidas por Eric Landowski, o sociólogo Alberto Oliva (Cf.: 2000, p. 27) observa que o fato de se perceber que a felicidade tem uma dimensão coletiva irreduzível não deve servir de álibi para as costumeiras desconsiderações às individualidades. O desafio maior continua sendo o de se chegar a formas de interação que expressem a força comunitária do agir humano sem deixar de estimular ao máximo a manifestação das singularidades individuais.

Antonio de Pádua, ao criar um mosaico de narrativas que podem sofrer combinações variadas, estabelece uma relação paradoxal de necessidade e independência, o que descentraliza as noções de verdade, desestabiliza o preconceito. A remoção da ideia de unicidade confunde-se com um mosaico de suposições, em que a normatividade é reduzida para dar vazão as multipossibilidades. Nesse sentido, seria possível interpretar a obra como uma espécie de caleidoscópio em que cada capítulo funciona como a faceta de uma verdade provisória, que seria o jeito contemporâneo de encarar o absoluto.

A engenhosidade da sua estrutura, a honestidade no tratamento de uma das mais antigas facetas da sociedade humana – a homossexualidade – e a destreza com que desvenda as hipocrisias humanas, fazem de *Mosaicos Azuis Desejos* um romance de denuncia e de afirmação identitária.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ABREU, Márcia. *Cultura Letrada*. São Paulo: UNESP, 2004.
- AMBROSE, Tom. *Heróis e exílios – ícones gays através dos tempos*. Belo Horizonte: Gutemberg, 2010.
- BAUMAN, Zigmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CAMINHA, Adolfo. *O bom crioulo*. São Paulo; Martin Claret, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.
- CAPUCHO, Luís. *Cinema Orly*. São Paulo: Interlúdio, 1999.
- CARRASCO, Walcyr. *Meus dois pais*. São Paulo: Ática, 2010.
- CARVALHO, Nelson Luiz de. *Apartamento 41*. São Paulo: GLS, 2007.
- CARVALHO, Nelson Luiz de. *O terceiro travesseiro*. São Paulo: Arx, 2005.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Durnará, 1992.

- EL-JACK, Márcio. *Matéria Básica*. São Paulo: GLS, 2007.
- FILHO, Amílcar Torrão. *Tríades Galantes, Fanchonos Militantes – homossexuais que fizeram história*. São Paulo: GLS, 2000.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HEE, Carlos. *Trem fantasma*. São Paulo: Mandarin, 2002.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do Outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LEITE, Márcia. *Olívia tem dois papais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LUGARINHO, Mauro César. Nasce a literatura gay no Brasil. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (Org.). *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Editora Universitária, 2008.
- OLIVA, Alberto. *A solidão da cidadania*. São Paulo: SENAC, 2000.
- PÁDUA, Antonio de. *Mosaicos Azuis Desejos*. São Paulo: Giostri, 2011.
- PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PINTO, Kyssia Rafaela Almeida. Aspectos da personagem gay na literatura para crianças. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (Org.). *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.
- PROULX, Anne. *O segredo de Brokeback Mountain*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.
- RANZATTI, André. *Amores no masculino*. São Paulo: RDG, 2006.
- RODRIGUES, Nelson. *O beijo no asfalto*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- RODRIGUES, Nelson. *Toda nudez será castigada*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.
- RUFFATO, Luiz (org). *Entre nós*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Abjetos : Desejos*. Olinda: Livro Rápido, 2010a.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Eis o mistério da fé*. Olinda: Livro Rápido, 2009.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Incursões teóricas sobre o conceito de literatura gay. *Revista Sociopoética*. Campina Grande, v. 1, n. 5, p. 55-72, jan/jul, 2010b.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Sobre rapazes e homens*. Campina Grande: EDUEPB, 2006.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão*. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.
- TOMÉ, Ricardo. *Cão danado solto na noite*. São Paulo: Razão Cultural, 1999.
- WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Martin Claret, 2009.